

**Che Guevara em Paris:  
François Maspero e as Edições “Terceiro-mundistas” no Contexto de  
“1968”**

Felipe Castilho de Lacerda<sup>1</sup>

**Resumo**

O presente artigo busca narrar o processo de formação do catálogo editorial de François Maspero com foco na edição de textos políticos e/ou de ciências humanas provindos do assim chamado “Terceiro Mundo”. Por meio da trajetória do editor, objetiva-se analisar os processos de mediação cultural na conformação temática “terceiro-mundista” no seio da esquerda europeia sob o contexto de “1968”. Por meio da história do Livro, da Edição e da Leitura, especialmente orientada pelas discussões teórico-metodológicas de Jean-Yves Mollier, trabalha-se, no artigo em tela, com o catálogo de livros publicados por Maspero dentro da temática do “Terceiro Mundo” e com entrevistas e paratexto editorial inscrito nas publicações da editora. Por meio do estudo da difusão do *Diario en Bolivia* de Che Guevara, enseja-se discutir o espaço ocupado pela temática latino-americana no catálogo da casa editorial parisiense.

**Palavras-chave**

1. América Latina; 2. Che Guevara; 3. Europa Pós-Segunda Guerra 4. Nova Esquerda; 5. 1968;

**Che Guevara in Paris:  
François Maspero and the “Third World” Editions under the Context of “1968”**

**Abstract**

This paper intends to present the formation process of the François Maspero’s editorial catalogue, putting focus on printing of political and/or human sciences texts from the so-called “Third World”. Through the editor’s trajectory, the objective is to analyse the processes of cultural mediation in the “third-world” thematic conformation within the European left under the context of “1968”. Inspired by the concepts of History of the Book, Printing and

---

<sup>1</sup> Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Econômica da FFLCH-USP, sob a orientação do Professor Doutor Lincon Secco. Bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo (Fapesp). E-mail para contato: felipe\_castilho\_lacerda@riseup.net; felipe.lacerda@usp.br.

Reading, especially guided by the theoretical-methodological discussions of Jean-Yves Mollier, this article intends to scrutinize the catalogue of books published by Maspero within the theme of the “Third World”, as well as interviews and editorial paratext inscribed in the publisher’s publications. Through the study of the diffusion of the *Journal in Bolivia* of Che Guevara, it is possible to discuss the space occupied by the Latin-American theme in the catalogue of the Parisian publishing house.

### **Keywords**

1. Latin America; 2. Che Guevara; 3. Post Second World War Europe; 4. New Left; 5; 1968

### **Introdução**

Conforme o historiador Julien Hage, Raymond Marcellin, nomeado Ministro do Interior francês em 31 de maio de 1968, buscou presidir o “retorno à ordem” após os acontecimentos do fatídico mês. O ministro entendia haver um complô internacional ameaçando seu país, o que o levaria a perseguir a difusão de teorias revolucionárias latino-americanas, nas quais via um “perigo maior”. Para tanto, lançou mão de uma série de dispositivos regulamentares de censura. Desse modo, François Maspero e outros editores franceses cairiam nas malhas de um périplo judicial e perquisidor<sup>2</sup>. A revista *Tricontinental*, cuja versão francesa foi publicada por Maspero entre 1969 e 1971<sup>3</sup>, foi interdita e o livro do militante brasileiro Carlos Marighella, *Pour la libération du Brésil*, publicado originalmente pela Seuil e, mais tarde, como protesto, por um conjunto de 24 editoras, foi igualmente censurado. Mesmo que nada indicasse a disposição da esquerda radical francesa de partir da arma da crítica à crítica das armas, as autoridades francesas parecem ter identificado o grau de prestígio das lutas de libertação “terceiro-mundistas” e a importância que tinha a apropriação das mesmas, aí incluídos os escritos guerrilheiros guevaristas e latino-americanos como um todo. Mas que esquerda foi essa que se apropriou dos ideais e temas do “Terceiro Mundo”?

O decênio de 1960 viu a constituição de uma contracultura à qual se alinhou um conjunto de pequenas e médias editoras de esquerda. Malgrado a temática política estar bastante

---

<sup>2</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach: Une Nouvelle Génération d'Éditeurs d'Extrême Gauche en Europe Occidentale, 1955-1982, Histoire Comparée, Histoire Croisée*, Thèse de doctorat d'histoire contemporaine sous la direction de Jean-Yves Mollier, 2 vols., Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, 2010, p. 315.

<sup>3</sup> Julien Hage, “Une Brève histoire des librairies et des éditions Maspero (1955-1982)”, in: *François Maspero et les paysages humains*, dir. par Pierre-Jean Balzan; Alain Léger & Bruno Guichard, Lyon, À plus d'un titre; La Fosse aux ours, 2009, p. 245.

presente nos catálogos das principais editoras de países como Alemanha, França e Itália, essa atitude de radicalização nos parece uma das formas encontradas pela jovem geração europeia para se contrapor à grande concentração dos meios de produção de ideias. É o que se pode ao menos dizer sobre uma parcela formada por integrantes dos movimentos sociais organizados e estudantes sobremaneira politizados.

Na constituição desse cenário, deve-se levar em consideração o advento da cultura de massas e seus corolários, notadamente o surgimento da *Kulturindustrie*, produtora de uma “cultura [que] hoje abate a tudo com aparente semelhança”, nas palavras de Theodor Adorno e Max Horkheimer<sup>4</sup>. A edição oriunda dos meios radicais do período que circundou o chamado “1968”, assaz crítica à cultura de massas, sintetizou em muitas de suas figuras o desejo de criação de uma *Gegenöffentlichkeit*<sup>5</sup>, no termo caro aos filósofos alemães Oskar Negt e Alexander Kluge<sup>6</sup>. Michael Löwy, por seu turno, ao observar, em 1976, as revoltas daquele decênio, apontou que “a oposição à reificação, à dominação da cultura pelo mercado, à dissolução dos valores humanos pelo capital frequentemente dá à revolta dos intelectuais um caráter global, totalizante e irreduzível, à medida que é a própria essência do sistema capitalista que está sendo questionada”<sup>7</sup>. Conforme o especialista no “1968” alemão, Wolfgang Kraushaar, uma especificidade desse movimento foi o de ter colocado o todo dos fundamentos da sociedade em questão<sup>8</sup>.

O que buscaremos analisar nas páginas a seguir será o espaço da América Latina e as formas pelas quais o subcontinente adentrou o catálogo de François Maspero, colocando-se à disposição da esquerda *soixant-huitard*.

### **Publicando a Revolta: Edição Europeia no Contexto “1968”**

---

<sup>4</sup> Theodor W. Adorno & Max Horkheimer, “Kulturindustrie – Aufklärung als Massenbetrug”, *Dialektik der Aufklärung. Philosophische Fragmente*, Frankfurt am Main, Fischer Taschenbuch Verlag, 1988, p. 129.

<sup>5</sup> Reinhard Wittmann, *Geschichte des deutschen Buchhandels im Überblick*, 2. durchges. Aufl., München, Beck, 1999, p. 430.

<sup>6</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, p. 11. Como é notório, os pensadores alemães trabalham com o conceito desenvolvido por seu colega Jürgen Habermas em *Strukturwandel der Öffentlichkeit. Untersuchungen zu einer Kategorie der bürgerlichen Gesellschaft*, Frankfurt am Main, Suhrkamp, 1990.

<sup>7</sup> Michael Löwy, *Para uma Sociologia dos Intelectuais Revolucionários. A Evolução Política de Lukács (1909-1929)*, São Paulo, Livraria Editora de Ciências Humanas, 1979, p. 258 (1. ed. francesa de 1976).

<sup>8</sup> Wolfgang Kraushaar, *1968. 100 Seiten*, s.l., Reclam, 2018.

Para tanto, busquemos identificar os principais aspectos da edição francesa e da relação da “nova esquerda” do hexágono com a mesma.

O cenário das lutas de “1968” fez emergir uma nova cultura política, uma nova reflexão sobre o intelectual e, em íntima relação com esses dois aspectos, uma nova figura do editor. Do ponto de vista empresarial, apresentam-se pequenas e médias organizações, que, por meio de contatos diretos ou indiretos, constituíram toda uma rede transnacional de circulação de ideias revolucionárias. Entre os primeiros, contam-se Giangiacomo Feltrinelli, cuja editora já se estabelecera em 1955 em Milão; as Éditions de la Cité, criada em 1955, em Lausanne, por Nils Andersson; a casa editorial de François Maspero, nascida em 1959 em Paris; as E.D.I. (Éditions et Documents Internationalistes) criadas em 1962 na mesma cidade; ou ainda Klaus Wagenbach, cuja editora oeste-berlinense, fundada em 1964, passará por uma cisão, dando à luz a Rotbuch Verlag, em 1973<sup>9</sup>.

Mas o evento catalisador do maio de 1968 fará juntar-se ao mundo dos livros um novo conjunto de jovens editores engajados. Falamos aqui da Trikont Verlag, da Roter Stern Verlag, da Merve Verlag, todas na República Federal da Alemanha; na Itália, a Jaca Books (Milão), Bertani (Verona) e Samona e Savelli (Roma); no espaço gaulês, Champ Libre, substituída pelas Éditions du Sagittaire em 1975, além de Tierces<sup>10</sup>. A interação dos produtores editoriais levaria ainda ao estabelecimento da associação de editores alemães de esquerda, a Verband des linken Buchhandels<sup>11</sup>.

Nesse contexto, os espaços da revolta foram de suma importância. Paris constituiu, nos anos 1960, base de apoio de revolucionários do além-mar, exilados por seus regimes ditatoriais<sup>12</sup>. Conforme Maria Cláudia Badan Ribeiro, a França foi o espaço privilegiado de estabelecimento e conexão de “redes transnacionais de solidariedade” militantes<sup>13</sup>. Sem embargo, não apenas os indivíduos, mas também as ideias viajaram pelo Atlântico e a “descoberta do Terceiro Mundo” tornou-se uma das matrizes intelectuais da Nova Esquerda<sup>14</sup>. A Guerra da Argélia e a Revolução Cubana – para não falar do fenômeno de maior

---

<sup>9</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, p. 10.

<sup>10</sup> *Idem*.

<sup>11</sup> Uwe Sonnenberg, *Von Marx zum Maulwurf. Linker Buchhandel in Westdeutschland in den 1970er Jahren*, Wallstein Verlag, Göttingen, 2016.

<sup>12</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, p. 315.

<sup>13</sup> Maria Cláudia Badan Ribeiro, “Resistência à Ditadura Civil-Militar Brasileira e as Redes Transnacionais de Solidariedade (1964-1985)”, *Anais do XXVIII Simpósio Nacional de História. Lugares dos Historiadores: Velhos e Novos Desafios*, Florianópolis, Anpuh-Brasil, 2015.

<sup>14</sup> Uwe Sonnenberg, *Von Marx zum Maulwurf*, p. 59; Cf. Gérard Chaliand, *Mythes Révolutionnaires du Tiers Monde*, Paris, Editions du Seuil, 1976.

repercussão internacional, a intervenção estadunidense no Vietnã – não foram apenas instigadoras da esquerda europeia, mas tema e fonte de inspiração no estabelecimento de seu ideário. O que pode, a título de hipótese, ter constituído uma verdadeira rede de “transferências culturais”, para nos valermos do conceito caro a Michel Espagne<sup>15</sup>. Conforme a consideração metodológica do historiador francês, estudar tais transferências significa colocar a lupa sobre as formas de mediação, os caminhos percorridos por determinado conjunto de ideias. Tal perspectiva nos conduz a uma breve análise sobre a história editorial de França.

### Combatendo as Grandes Editoras

Malgrado tratar do espaço cultural alemão, nas palavras de Reinhard Wittmann, “a contribuição mais importante do mercado livreiro para a democratização da cultura literária após 1950 foi, indubitavelmente, o livro de bolso”<sup>16</sup>. Na França, o formato, lançado em 1953 pela LGF, alterou completamente o cenário editorial<sup>17</sup>. No caso alemão, uma célebre série lançada por Ernst Rowohlt no logo pós-Segunda Guerra encontrou alguma resistência de camadas mais instruídas do público leitor, para além do próprio setor editorial e livreiro. No entanto, depressa o sucesso do formato foi estupendo e crescente: os primeiros doze títulos da *rororo*<sup>18</sup>, lançados entre meados de junho e meados de outubro de 1950, com tiragem total de 620 mil exemplares, esgotaram-se de pronto. O que mais importa aqui é que muitos dos editores de extrema esquerda dos anos 1960 e 1970 souberam tirar proveito das novas mídias originadas do desenvolvimento de uma cultura de massas, primordialmente, do livro de bolso<sup>19</sup>.

---

<sup>15</sup> Michel Espagne, *Les Transfers Culturels Franco-Allemands*, Paris, Presses universitaires de France, 1999, Michel Espagne, “Transferências Culturais e História do Livro”, in: *Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, trad. Valéria Guimarães, n. 2, Cotia – SP, Nele; Ateliê Editorial., ago. 2012.

<sup>16</sup> Reinhard Wittmann, *Geschichte des deutschen Buchhandels im Überblick*. 2. durchges. Aufl. München [Munich], Beck, 1999, p. 420.

<sup>17</sup> Jean-Yves Mollier, *Une Autre Histoire de l'Édition Française*, Paris, La Fabrique, 2015, pp. 346-347.

<sup>18</sup> Os *Rowohlts Rotations Romane* nasceram ainda em 1949. Eram livros publicados em papel-jornal a preços baixos e impressos em rotativas, mais fáceis de conseguir do que as linotipos, maquinário próprio para edição de livros. Logo este formato seria substituído por um mais tradicional *Taschenbuch* a preços módicos. A coleção, entretantes, manteve o acrônimo original: *rororo*. (Reinhard Wittmann, *op. cit.*, p. 410).

<sup>19</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach.*, p. 14. Como apontou Julien Hage, “ao longo desses dois decênios [1960 e 1970], longe de ser devorado pelo desenvolvimento da televisão e do rádio, o livro conheceu, sem dúvida, um de seus apogeus em termos de eco midiático”. (Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, p. 11).

Além do formato é forçoso notar a presença de outro arquétipo da economia do livro igualmente apropriado pelos editores da esquerda pós-“1968”: a coleção. Sua origem remonta a 1838, quando foi criada pelo editor Gervais Charpentier. A coleção, ou “biblioteca”<sup>20</sup>, é um dos meios de se definir o que merecia ser lido, o que era mais útil e ainda propor ao público uma série uniforme em termos materiais e de conteúdo<sup>21</sup>. Na primeira metade do século XX, vamos conhecer largamente as coleções organizadas pelos partidos comunistas, como *Les Cahiers communistes* e mesmo as *Éditions de l’Internationale Communiste*.

Nos anos 1960 e 1970, as coleções de ciências humanas e filosofia de editoras militantes se difundiram em diversos países. Na Alemanha, Wagenbach publicou *Quartheft*; Wagenbach Taschenbücherei, no interior da qual veio a lume o polêmico título de Peter Brückner, *Ulrike Marie Meinhof und die deutschen Verhältnisse*, no ano de 1979<sup>22</sup>; e Rotbuch, no seio da qual saiu o título censurado *Über den bewaffneten Kampf in Westeuropa*, assinado pelo Kollektiv RAF, em 1971<sup>23</sup>. A *Petite collection maspero* serviu de modelo para editores alemães e de outros países. Desta última, vamos tratar mais à frente.

Convém assinalar que esses editores radicais estavam em linha de batalha diante da profunda racionalização e concentração do setor livreiro. A edição francesa se via dominada pelo enorme grupo Hachette e o fim dos anos 1960 verá a primeira grande onda de concentrações da segunda metade do século XX<sup>24</sup>.

O livro de bolso deixará sua marca na edição francesa, com cerca de cem milhões de exemplares vendidos entre o lançamento desse formato pela filial da Hachette, a *Librarie Générale Française* (LGF), como já mencionado anteriormente, em 1953 e o ano de 1964. A partir de então, são vendidos cerca de 25 milhões de exemplares por ano, abarcando oito por cento do mercado. Seu sucesso foi garantido por uma massa de jovens e estudantes, que podiam adquirir *A Peste* de Albert Camus ou a trilogia dos *Caminhos da Liberdade* de Jean-

---

<sup>20</sup> Isabelle Olivero, *L’Invention de la Collection. De la Diffusion de la Littérature et des Savoirs à la Formation du Citoyen au XIXe Siècle*, s/l, Editions de l’Imec/Editions de la Maison des Sciences de l’Homme, 1999, pp. 14-15.

<sup>21</sup> Marie-Cécile Bouju, *Lire en Communiste. Les Maisons d’Edition du Parti Communiste Français, 1920-1968*, Rennes, Presse Universitaires de Rennes, 2010, p. 12.

<sup>22</sup> Peter Brückner, *Ulrike Marie Meinhof und die deutschen Verhältnisse*, Berlin, Verlag Klaus Wagenbach, 1979.

<sup>23</sup> A coleção Rotbuch foi herdada pela editora homônima, após a cisão de 1973, que deu origem à nova firma, enquanto Wagenbach iniciará uma nova coleção, intitulada Politik.

<sup>24</sup> Jean-Yves Mollier, *Une Autre Histoire de l’Edition Française*, p. 350.

Paul Sartre, para não falar dos clássicos Balzac e Zola, os quais entram no catálogo logo depois. O preço se havia reduzido a 150 francos, algo como seis euros e meio atuais<sup>25</sup>.

O sucesso do *livre de poche* atraiu as atenções dos editores franceses e francófonos para adentrar diversos outros catálogos. Veremos seu surgimento na belga Marabout, a coleção *J'ai Lu* na Flammarion, a partir de 1958, *Idées* na Gallimard, em 1962, além de *10-18*, de Plon e Julliard, unidas na UGE e das *Presses Pockets. Les Classiques du Peuple* das Éditions Sociales – editora que o Partido Comunista Francês restabeleceu após a guerra –, e a *Petite collection maspero* mostrarão, nas palavras de Jean-Yves Mollier, a força da edição militante<sup>26</sup>.

O período das grandes fusões mudou a cara da edição francesa no último quartel do século XX. Ao lado dos dois gigantes, o grupo Hachette e as Presses de la Cité (o segundo não chegando aos pés do primeiro), quatro grupos de tamanho médio dominaram o mercado: Flammarion, criada em 1875, Albin Michel, em 1900, Gallimard, com sua indistinguível série da “capa branca”, e Seuil, surgida em 1937. Atrás dos seis grandes nomes, o Syndicat National des Éditeurs reunia por volta de trezentas casas editoriais, que dividiam o mercado livreiro do hexágono<sup>27</sup>.

Como apontou Reinhard Wittmann, o sistema editorial “viu-se contrastado, depois de 1968, por pequenas editoras alternativas especialmente dinâmicas”<sup>28</sup>. Como um sistema autorreferente, portador de um conjunto próprio de relações, o mundo da edição é capaz de “retraduzir” segundo sua lógica as forças externas, políticas ou econômicas, fonte alimentadora das estratégias editoriais<sup>29</sup>. Dessa forma, a radicalização do período se verá nos diversos aspectos que compõem uma estratégia editorial.

O advento dessas casas editoriais está conectado à emergência de uma esquerda radical não comunista em um contexto de forte politização, marcado pela Guerra Fria, pela virada político-ideológica khrutcheviana e pelo contexto da descolonização. O cenário remete ao surgimento de um verdadeiro mercado do livro político<sup>30</sup>.

No caso francês, a formação de uma cultura questionadora de extrema esquerda esteve conectada à movimentação em torno da Guerra de Libertação da Argélia. Foi em seu

---

<sup>25</sup> *Idem*, pp. 346-348.

<sup>26</sup> *Idem*, p. 348.

<sup>27</sup> *Idem*, p. 350 e ss.

<sup>28</sup> Reinhard Wittmann, *op. cit.*, p. 430.

<sup>29</sup> Pierre Bourdieu, “Une Révolution conservatrice dans l’édition”, *Actes de la recherche en sciences sociales*, vol. 126-127, mar. 1999, Dossiê “Edition, Editeurs”, p. 6.

<sup>30</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, p. 10.

transcurso que François Maspero iniciou suas atividades livreiras. O editor parisiense foi, sem dúvida, marcado pela grande editorial militante daquele período, sobrevivente do governo de Vichy e ocupação nazista, as Éditions de Minuit. Não houve quem, no seio da esquerda francesa, não tivesse sido tocado pelo grande livro do momento, *La Question* de Henri Alleg.

Se o movimento de difusão de uma cultura política progressista ocorreu em escala internacional e profundidade notável, um corte cronológico pode ser determinado pelo recuo, ou transformação, igualmente em escala internacional e grande profundidade, em fins dos anos 1970 e, especialmente, primeiros anos da década de 1980. O mercado editorial se viu diante de uma queda brutal e veloz das tiragens do livro político, com alcance e sincronia europeia. Tal recuo, é certo, não foi apenas das edições da esquerda radical: atingiu o conjunto de escritos voltados a um público progressista. Para grande parte desses editores, se não para o seu conjunto, ocorreu uma reviravolta, levando a uma reformulação do catálogo ou ao seu desaparecimento<sup>31</sup>.

### **Caminhos e Obstáculos do *Diario en Bolivia* de Che Guevara**

No mesmo ano em que François Maspero fundava sua casa editorial, isto é, 1959, ocorria o fenômeno que marcaria a história da América Latina no pós-Segunda Guerra: a Revolução Cubana. A mediação cubana será, indubitavelmente, o fenômeno crucial para o interesse de todo o mundo – de ambos os lados da Cortina de Ferro –, no subcontinente em questão. Um dos maiores fenômenos da edição política latino-americana foi a publicação do diário que o revolucionário argentino radicado em Cuba, Ernesto Che Guevara, carregava no momento de sua captura e assassinato na selva boliviana. Sua trajetória carrega o interesse de uma publicação política em perspectiva global.

Na introdução do *Diario del Che en Bolivia*, Fidel Castro Ruz aponta que os métodos pelos quais o diário chegou a Cuba não poderiam ser esclarecidos naquele momento, mas assegurava que nenhuma quantia em dinheiro teria sido paga por ele, já que sua obtenção teria sido o resultado de uma ação militante. A história do *Diario* foi esclarecida ao longo das décadas após sua publicação. Mas vale a pena tocar nesse objeto novamente.

Após o assassinato do revolucionário argentino-cubano, em 8 de outubro de 1967, o exército boliviano tomou uma série de materiais como butim de guerra, incluindo as páginas

---

<sup>31</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, pp. 12-13.

do diário de Che Guevara. De acordo com o relato de Manuel Cabieses, no início do ano seguinte, o diário teria chegado às mãos dos responsáveis pela revista *Punto Final* – o próprio Cabieses, Hernán Uribe e outros – em Santiago do Chile, por meio do advogado de Cochabamba, Victor Zanier, e em nome do ministro do interior boliviano, Antonio Arguedas Mendieta. Dois meses depois do primeiro contato, o advogado Zanier retorna de La Paz com dois discos de música folclórica boliviana: o diário de Che Guevara teria vindo em tiras de filmes fotográficos de 35 milímetros presos às paredes dos discos<sup>32</sup>.

A partir de então, o jornalista de *Punto Final*, Mario Díaz, viajaria para Havana em um voo pelo México, levando os filmes fotográficos em uma pasta com fundo duplo. Em seu destino final, o jornalista foi recebido no aeroporto pelo chefe do Departamento de América cubano, Manuel Piñeiro, bem como por outras autoridades.

A chegada dos manuscritos em Cuba deve ter ocorrido entre fins de março e início de abril de 1968. Chamo a atenção da leitora e do leitor para a rapidez dos fatos subsequentes: notem que no número 265, de julho de 1968, da célebre publicação dirigida por Jean-Paul Sartre, *Les Temps modernes*, a quarta capa trazia o anúncio, entre outras obras da casa editorial de François Maspero, do *Journal de Bolivie*, de Che Guevara, com introdução original de Fidel Castro e preço de 15,40 francos.

### **Figura 1.**

**Quarta capa da revista *Les Temps modernes*, dirigida por Jean-Paul Sartre, com anúncio do lançamento de *Journal de Bolivie*, de Che Guevara**

---

<sup>32</sup> Faride Zerán, “La Historia Inédita del Diario del Che (Entrevista a Manuel Cabieses)”, in Rolando Rodríguez, *Una Edición Memorable: El Diario del Che en Bolivia*, Santa Clara (Cuba), Editorial Capiro, 2007, p. 5-15. According to a footnote at the beginning of the interview, it was reproduced from *Tricontinental*, 31 (137), July 1997; in that source it would be informed that, for its turn, the interview was reproduced from Chilean edition of magazine *Liberación*, April 25th, 1997. Faride Zerán, “La Historia Inédita del Diario del Che (Entrevista a Manuel Cabieses)”, p. 5.



Fonte: *Les Temps modernes*, n. 265, 24e année, juillet 1968.

Acervo de Lincoln Secco.

A extrema pressa em publicar o diário foi motivada pelo anseio em evitar a venda, pelo exército boliviano, dos manuscritos do jornal para editoras estrangeiras<sup>33</sup>. Por esse motivo, o trabalho para o lançamento do livro pelo Instituto Cubano del Libro foi incansável, envolvendo, inclusive, mais de uma tipografia. O livro foi, finalmente, distribuído gratuitamente à população cubana, alcançando os primeiros milhares de exemplares as ruas em 1º de julho de 1968. Em pouco mais de três meses, a edição cubana chegaria a quase um milhão de cópias. Adicional e simultaneamente, o número total de cópias distribuídas em todo o mundo chegaria a três milhões, somando-se as publicações em 22 países até outubro de 1968 – aqui contadas as publicações em livro e aquelas que apareceram por meio de periódicos, como a edição chilena de *Punto Final*<sup>34</sup>.

De acordo com a investigação em curso, pode-se dizer que a publicação internacional fazia parte da estratégia cubana de legitimação e disputa sobre os direitos autorais do livro, os quais viriam a pertencer a Aleida March de Guevara. Conforme a explicação de Fidel Castro, na introdução que aparece em todas as edições de 1968, o livro seria publicado, quase simultaneamente, na França, por François Maspero e, no mesmo país, mas em espanhol, por Ruedo Ibérico; na Itália, pela casa de Giangiacomo Feltrinelli; na Alemanha Federal, pela

<sup>33</sup> *Idem*.

<sup>34</sup> Frank Agüero, “Diario del Che en Bolivia: Documento que Recorre el Mundo Aprisa”, *Juventud Rebelde*, La Habana, 8 oct. 1968 *apud*: Rolando Rodríguez, *op. cit.*, p. 96-104.

Trikont Verlag; nos Estados Unidos, pela revista *Ramparts*; no Chile, pela revista *Punto Final*, e ainda em outros países. O direito de publicação do material, concedido por Fidel Castro a todas aquelas casa editoriais ou grupos publicadores de periódicos políticos, vinha acompanhado da exigência de celeridade no aparecimento e ausência de quaisquer intervenções no texto. Tal ação legitimava politicamente a publicação do texto, malgrado outros grupos interessados na publicação, e falamos aqui especialmente das autoridades bolivianas, tenham acusado, do ponto de vista legal, a publicação de se tratar de uma edição pirata<sup>35</sup> ou mesmo apócrifa. Por esse mesmo motivo, não foi possível impedir que a editorial alemã responsável pela publicação da obra, Trikont, passasse por questionamentos relativos à propriedade dos direitos de publicação da obra, que, contudo, logo se resolveram a favor da editora. Por fim, a revista *Der Spiegel* pagou pela publicação de trechos do texto, como anexo a uma análise de Jean Larteguy sobre as ações de guerrilha<sup>36</sup>.

### O “Terceiro Mundo” e a América Latina no Catálogo de François Maspero

*Sans le rêve (et contrairement à l’utopie), une vie ne peut être que végétative.*

François Maspero, Entrevista concedida à revista *Période*<sup>37</sup>

François Maspero foi o filho de uma família ativa na Resistência francesa contra a ocupação nazista. Seu irmão e seu pai faleceram em combate, enquanto sua mãe teve de retornar do exílio<sup>38</sup>. Fundou, em 1955, sua primeira livraria, a Librairie de l’Escalier. Naquele momento, o jovem livreiro já recebia em sua loja uma série de poetas e figuras que estavam ligadas, ou que o fariam mais tarde, aos movimentos de libertação do contexto descolonizador. Mais tarde, com a criação da livraria La Joie de Lire (1957) e da editora que assume seu próprio nome (1959), Maspero constituirá uma das principais tribunas da esquerda radical e não ligada ao Partido Comunista Francês dos anos 1960 e 1970. Fidel Castro, Che Guevara, Régis

---

<sup>35</sup> Christof Meueler & Franz Dobler, *Die Trikont-Story: Musik, Krawall und andere schöne Künste*, München, Wilhelm Heyne Verlag, 2017, p. 16.

<sup>36</sup> Uwe Sonnenberg, *Von Marx zum Maulwurf: Linker Buchhandel in Westdeutschland in den 1970er Jahren*, Göttingen, Wallstein Verlag, 2016, pp. 60-61.

<sup>37</sup> Félix Boggio Éwanjé-Épée & Stella Magliani-Belkacem, “Entretien avec François Maspero: ‘Quelques malentendus’”, sem paginação. Disponível em: <http://revueperiode.net/entretien-avec-francois-maspero-quelques-malentendus/>.

<sup>38</sup> Entrevista publicada por Maison des passages no *Mediapart*, reproduzida de *Bron Magazine*, déc. 2014, Ville de Bron. Disponível em: <https://blogs.mediapart.fr/maison-des-passages/blog/101214/francois-maspero-les-chemins-de-la-liberte>.

Debray tiveram lugar em seu catálogo. Maspero não apenas publicou textos da esquerda latino-americana, como esteve em diversas oportunidades em países como Cuba e Bolívia. Neste país, acompanhou o transcurso do processo de Régis Debray, preso e acusado de participar do movimento guerrilheiro liderado por Che Guevara<sup>39</sup>.

Como se poderia esperar, a atividade política dos editores de esquerda sujeitou-os aos inconvenientes da repressão estatal. Em primeiro lugar, e acima de tudo, sofreram com as diversas formas de censura que se reservam à produção de ideias críticas<sup>40</sup>. Muitos dos editores de esquerda foram prolíficos militantes em favor da liberdade de expressão, prática na qual Maspero foi exemplar. A censura política e moral da qual foram vítimas demonstra como eram reconhecidos pelas autoridades como tribunas editoriais. Conforme Julien Hage, “o arsenal repressivo desdobrado sublinha bem a que ponto o regime do impresso não escapou ao ‘retorno à ordem’ política no pós-maio de 1968”<sup>41</sup>.

No que tange à difusão dos impressos, nota-se como as casas editoriais de esquerda estavam profundamente conectadas internacionalmente, como bem o demonstrou Julien Hage em sua tese, cujo subtítulo é significativo: *Histoire comparée, histoire croisée*<sup>42</sup>. A inclinação terceiro-mundista da ideologia do movimento social daquele período gerou uma grande circulação internacional de textos. As 254 entradas do catálogo do arquivo da Trikont Verlag apontam para o curioso e excepcional caso em que uma transferência cultural se leva a cabo do “terceiro mundo” para a Europa, anotando-se que, no ano inaugural da editora, 1967, foram publicados exclusivamente textos de Fidel Castro, Che Guevara e Régis Debray<sup>43</sup>. Mas as “redes transnacionais” possuíam pontos nodais que se articulavam nas fronteiras europeias. É bastante provável que as primeiras traduções “tricontinentais” da Trikont Verlag tenham se originado da versão francesa de Maspero, pois, conforme Uwe Sonnenberg, os alemães compraram um pacote de livros do editor francês em fins dos anos 1960<sup>44</sup>. Dessa forma, o editor parisiense concretizava não apenas o fornecimento livresco ao público compatriota, como pode ser considerado um dos mediadores das publicações “terceiro-mundistas”, em geral, e latino-americanas, especificamente.

---

<sup>39</sup> Julien Hage, “Une Brève Histoire des Librairies et des Editions Maspero”, em Julien Hage; Alain Léger & Bruno Guichard (dir.), *François Maspero et Les Paysages Humains*, Lyon, A plus d’un titre / La Fosse aux ours, 2009, esp. pp. 106-132.

<sup>40</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, p. 36.

<sup>41</sup> *Idem*, p. 37.

<sup>42</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*.

<sup>43</sup> Christine Dombrowsky, *Bestandsliste: Mai 1992 nach Erscheinungsjahren*, Trikont Dianus-Trikont Archiv. *Mimeo*.

<sup>44</sup> Uwe Sonnenberg, *Von Marx zum Maulwurf*, p. 60.

Após tais considerações, podemos apontar algumas das principais características do catálogo de François Maspero que vão se relacionar com os encontros da América Latina com seu catálogo.

Em 27 de abril de 1967, a editora parisiense lançava o que se tornaria uma de suas marcas, assim como um de seus grandes sucessos: a *Petite collection maspero*<sup>45</sup>. Como deixa óbvio o título da coleção, tratava-se da série de bolso da casa editorial. Naquele dia de abril, lançavam-se os cinco primeiros números, *Au pied du mont Kenya*, de J. Kenyatta, os três primeiros volumes dos escritos escolhidos de Mao Tsé-tung, além de *Planification et croissance accélérée*, de C. Bettelheim. Todos vinham a lume com tiragem de 5500 exemplares, sendo que os títulos de Kenyatta e Bettelheim debutavam na coleção, mas não na editora; tratavam-se de reedições. Dessa forma, a aposta era em obras já testadas por Maspero, além de Mao Tsé-tung, cujo *livre rouge* – possivelmente o maior fenômeno da edição política na Europa ocidental daqueles anos –, devia ser prova suficiente do bom desempenho de vendas.

Para compreender o que unia as diversas facetas do catálogo de François Maspero, parece interessante observar as matrizes intelectuais e político-ideológicas do editor. Maspero, à semelhança de Giangiacomo Feltrinelli, chegou a passar pelas fileiras do partido comunista de seu país. Conforme sua lembrança:

Do fim de 1955 ao fim de 1956, na loucura do “Degelo”, aderi ao Partido Comunista [Francês], do qual fui expulso por ter protestado simultaneamente contra Budapeste e contra a reticência do Partido Comunista em se envolver realmente contra a Guerra da Argélia: fui censurado por André Tolle (membro do comitê central) de ter “blasfemado [*dégueuler sur*] o partido”. Uma experiência extremamente benéfica<sup>46</sup>.

Após tal experiência, o editor iria ainda aderir ao grupo trotskista, Ligue communiste, mais tarde, Ligue communiste révolutionnaire. Ainda sob os auspícios da memória, François Maspero consideraria também secundária a importância da adesão a tal agremiação. Por um lado, ele o teria feito menos por convicção e mais por amizade a Daniel Bensaïd. Por outro lado, Maspero teria apenas almejado provocar alguns dos funcionários da editora, com quem

---

<sup>45</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, p. 769.

<sup>46</sup> Félix Boggio Éwanjé-Épée & Stella Magliani-Belkacem, “Entretien avec François Maspero: ‘Quelques malentendus’”.

teve um sem número de escaramuças, por estes se dizerem militantes do agrupamento, sem quaisquer atividades significativas no mesmo.

Malgrado a visão retrospectiva do editor, parece-me significativo que sua autodefinição, em uma entrevista realizada muitas décadas após o período de que estamos tratando, seja de que “[...] é preciso compreender que nunca fui realmente marxista – e menos ainda formado em teoria. Na leitura de Marx, não fui nada além do *Manifesto [Comunista]*”<sup>47</sup>. Sua visão de mundo estaria muito mais embebida em uma ligação afetiva com as lutas contra toda forma de dominação do que com quaisquer convicções ideológicas ou formações partidárias. Conforme o depoimento do editor, na mesma entrevista citada acima:

Minha concepção de história, da sociedade e da vida é sobretudo afetiva, provavelmente por ter sido banhado desde a infância e adolescência em uma família de membros da Resistência francesa. Essa concepção, a partir do que conheci da guerra – e de todas as coisas que se seguiram – seria mais bem shakespeariana: para parafrasear *Macbeth* sumariamente: “uma história plena de som e fúria, escrita por um tolo e narrada por um idiota”. Digamos, também, que eu devo muito a Sartre, por sua concepção da liberdade, e que eu jamais reneguei ao Camus<sup>48</sup>.

Ainda mais sintético, François Maspero declararia: “Eu diria apenas que fui sempre sensível às lutas dos povos por sua liberdade e ligado a este axioma: ‘um povo que oprime outro não pode ser um povo livre’”<sup>49</sup>. De meu ponto de vista, esse é um fator que, longe de afastar François Maspero do quadro das práticas militantes do momento “1968”, estava de pleno acordo com as movimentações daquele período. Afinal, seguindo a assertiva de Henri Weber, numa apresentação oral que ensaiava um balanço de “1968”:

[...] esses movimentos de maio de 1968 são muito diversos em seus componentes políticos. Há reformistas e revolucionários, leninistas e anarquistas, maoístas e *desejistas*, revolucionários existenciais de orientação libidinal que são pela liberação do desejo, pelo direito ao prazer. Há tudo isso no movimento de 1968 em nível internacional. É uma grande diversidade, mas mesmo assim há uma grande unidade dentro dele<sup>50</sup>.

---

<sup>47</sup> *Idem.*

<sup>48</sup> *Idem.*

<sup>49</sup> *Idem.*

<sup>50</sup> Henri Weber, “Um Balanço de 1968”, em *Rebeldes e Contestadores. 1968: Brasil, França e Alemanha*, org. de Maria Alice Vieira & Marco Aurélio Garcia, São Paulo, Editora Fundação Perseu Abramo, 1999, p. 22.

Nesse contexto, publicar e difundir a revista *Tricontinental* não constituiu o imperativo de algum agrupamento político de estabelecer conexões com o governo revolucionário cubano, mas, certamente, uma prática de grande obstinação pessoal, especialmente pelo fato de ter o editor sido obrigado a lidar com uma série de medidas judiciais de perseguição:

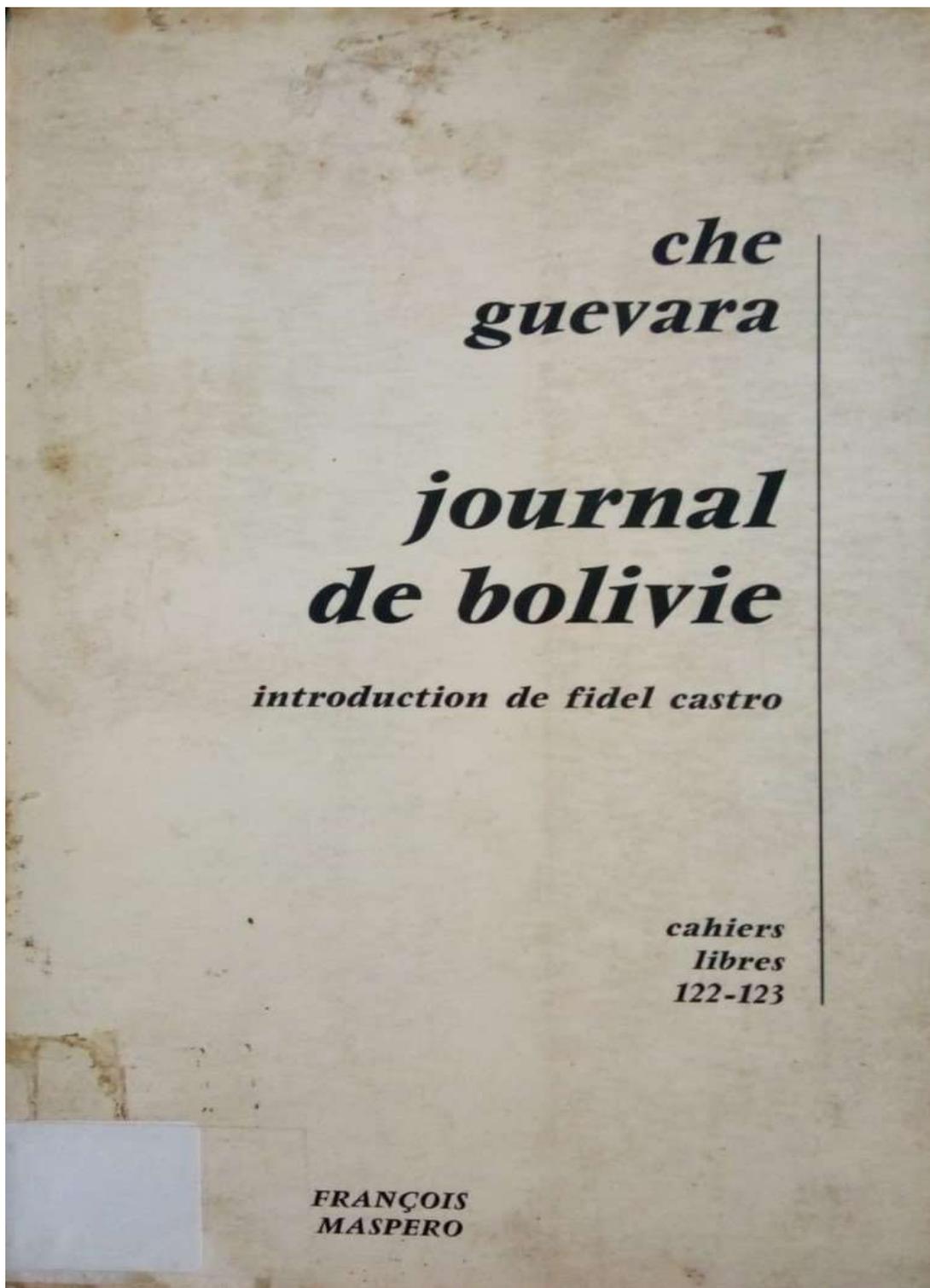
Por publicar a revista *Tricontinental* e vários livros sobre as ditaduras africanas, eu vivia submetido a processos e condenações (dentre as quais, uma por ter insultado um grande amigo da França, Mobutu: “publicação de obra estrangeira”, “injúrias a chefe de Estado ‘estrangeiro’”) a montantes enormes, à privação de meus direitos cívicos e mesmo a três meses de prisão (que nunca cumpri graças à morte de Pompidou, tendo Giscard a boa ideia de declarar uma anistia para penas curtas)<sup>51</sup>.

## **Figura 2.**

**Primeira edição de *Journal de Bolivie* de Ernesto Che Guevara, de julho de 1968**

---

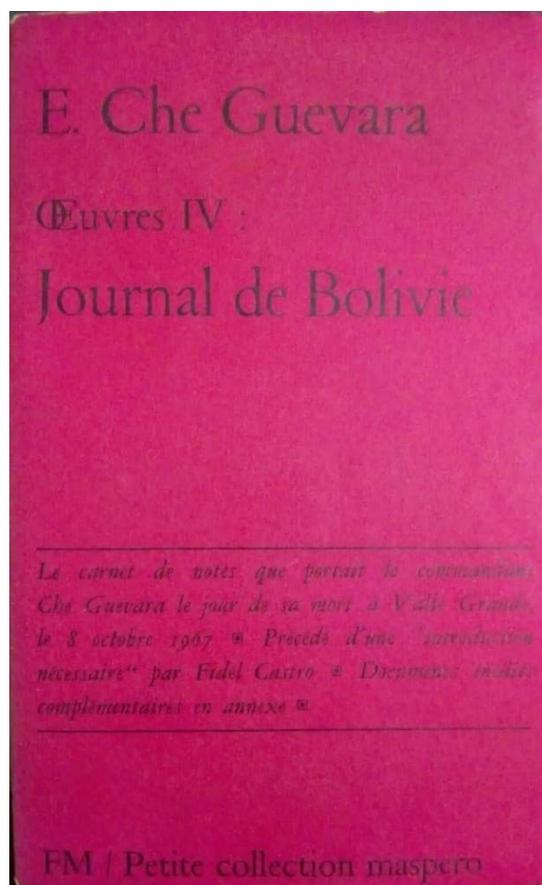
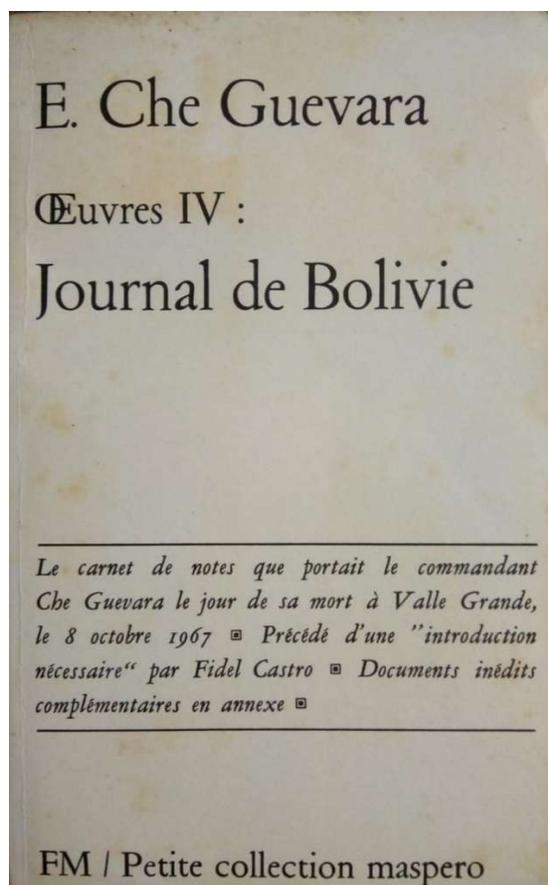
<sup>51</sup> Félix Boggio Éwanjé-Épée & Stella Magliani-Belkacem, “Entretien avec François Maspero: ‘Quelques malentendus’”.



Fonte: Che Guevara, *Journal de Bolivie*, intro. Fidel Castro, trad. France Binard & Fanchita Gonzales-Batlle, Paris, François Maspero, 1968 (Cahier libres 122-123). Acervo da Biblioteca Florestan Fernandes da FFLCH-USP

**Figuras 3. e 4.**

**Primeira edição do *Journal de Bolivie*, de Ernesto Che Guevara na coleção Petite collection Maspero, de novembro de 1968. Capa em cartão branco e sobrecapa em papel de tom rosa escuro.**



Fonte: E. Che Guevara, *Oeuvres IV: Journal de Bolivie*, trad. France Binard & Fanchita Gonzales-Batlle, Paris, François Maspero, 1968 (Petite collection maspero, 37). Acervo pessoal do autor.

Mas antes da experiência com a revista *Tricontinental*, François Maspero já possuía uma série de obras latino-americanas em seu catálogo, entre as quais destacavam-se os escritos, publicados sob diversas formas, do mítico revolucionário Ernesto Che Guevara. Dentre elas, incluía-se o mencionado fenômeno editorial que foi o diário mantido por Guevara em sua experiência guerrilheira boliviana.

Se o que ficaria conhecido por “terceiro-mundismo” esteve presente na formação mesma da casa editorial de François Maspero, a América Latina teve uma presença marcante justamente nos anos logo precedentes e posteriores às movimentações de “1968”. Tomando a publicação de escritos de Ernesto Che Guevara, foram 27 entradas, contando primeiras edições e reedições, deste autor no catálogo de François Maspero, publicado como anexo à

grandiosa tese de Julien Hage<sup>52</sup>. Ainda em 1962, Guevara apareceria com *La Guerre de guerrilla*, tradução de Gérard Chaliand e J. Minces, integrando a coleção Cahiers libres, número 31, com uma tiragem de 3500. Em 1966, aparecia *Le socialisme et l'homme à Cuba*, com tiragem de 3100 exemplares, bem como uma reedição daquele primeiro título, com mais 1900 cópias no catálogo. Mas, no ano seguinte apareceriam mais três edições, e, pela primeira vez, uma delas comporia os *Écrits* de Che Guevara: *Souvenirs de la guerre révolutionnaire*, com tiragem de 4400 exemplares. O número dois dos *Écrits* viria a lume no ano seguinte, com o título simples de *Oeuvres révolutionnaires 1959-1967* e 5500 de tiragem.

Se todas as aparições do revolucionário argentino-cubano marcaram a coleção Cahiers Libres, na *Petite collection maspero* abundariam ainda os títulos lançados, bem como as tiragens. Agora, em vez dos *Écrits* em dois volumes, Maspero publicaria as *Oeuvres* daquele autor em seis volumes. Na ordem de numeração, entre os números 34 e 37 da coleção: *Textes militaires*, *Souvenirs de la guerre révolutionnaire*, *Textes politiques* e o *Journal de Bolivie*. Apenas em 1972, as *Oeuvres* seriam completadas com os *Textes inédits* 1 e 2, aparecendo como números 101 e 102 da *Petite collection*.

Em 14 de março de 1977, haveria a última entrada de publicação de Ernesto Che Guevara no catálogo de François Maspero: era a reedição do *Journal de Bolivie* no âmbito da *Petite collection maspero*, número 37. Os últimos cinco mil exemplares totalizariam os 36 mil apenas deste título.

Dessa forma, o que se pode facilmente observar é a presença marcante das obras de Che Guevara no catálogo de François Maspero entre 1967 e a primeira metade da década de 1970. É claro que muitos outros autores estiveram presentes, bem como uma diversidade de obras de análise sobre a América Latina produzidos por autores europeus. A estes, somam-se ainda as obras que tratavam da OSPAL, a Organización de Solidaridad de los Pueblos de Africa, Asia e America Latina, para a qual a revista *Tricontinental* foi pensada como órgão teórico, ou da OLAS, Organización Latino-Americana de Solidaridad.

De todo modo, para o editor François Maspero, cujos imperativos, malgrado a enorme importância da Guerra de Libertação da Argélia, não se dirigiam um quadro único de publicações, os textos políticos latino-americanos, e, em primeiro lugar, aqueles provindos da Cuba revolucionária e da pena de seu mais célebre líder, Ernesto Guevara de la Serna, constituíam um belo ponto no quadro maior das paisagens humanas.

---

<sup>52</sup> Julien Hage, *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach*, pp. 754-935.

## Bibliografia

- Chaliand, Gérard. *Mythes Révolutionnaires du Tiers Monde*. Paris, Éditions du Seuil, 1976.
- Espagne, Michel. *Les Transferts Culturels Franco-Allemands*. Paris, Presses universitaires de France, 1999.
- \_\_\_\_\_. “Transferências Culturais e História do Livro”. In: *Livro. Revista do Núcleo de Estudos do Livro e da Edição*, trad. Valéria Guimarães, n. 2, Cotia – sp, Nele; Ateliê Editorial. ago. 2012.
- Hage, Julien. *Feltrinelli, Maspero, Wagenbach: une nouvelle génération d’éditeurs d’extrême gauche en Europe occidentale, 1955-1982, histoire comparée, histoire croisée*. Thèse de doctorat d’histoire contemporaine. 2 v. Université de Versailles Saint-Quentin-en-Yvelines, 2010.
- \_\_\_\_\_. “La Génération des éditeurs protagonistes de la décolonisation. Radicalité, Rigueurs et Richesses de L’Engagement Editorial”. *Bibliodiversity – Édition et Engagement. D’Autres façons d’être éditeur?* Février 2016.
- Balzan, Pierre-Jean; Léger, Alain & Guichard, Bruno (dir.). *François Maspero et les paysages humains*. Lyon, À plus d’un titre; La Fosse aux ours, 2009.
- Meueler, Christof & Dobler, Franz. *Die Trikont-Story: Musik, Krawall und andere schöne Künste*. München [Munich], Wilhelm Heyne Verlag, 2017.
- Mollier, Jean-Yves. “L’Histoire de l’édition: Une histoire à vocation globalisante”. In: *Revue d’histoire moderne et contemporaine*, n. 43, 1996.
- \_\_\_\_\_. “L’Histoire de l’édition, du livre et de la lecture en France de la fin du xviii<sup>e</sup> siècle au début du xxi<sup>e</sup> siècle: Approche Bibliographique”.
- \_\_\_\_\_. *Une Autre histoire de l’édition française*. Paris, La Fabrique, 2015.
- Sonnenberg, Uwe. *Von Marx zum Maulwurf: Linker Buchhandel in Westdeutschland in den 1970er Jahren*. Göttingen, Wallstein Verlag, 2016.
- Wittmann, Reinhard. *Geschichte des deutschen Buchhandels im Überblick*. 2. durchges. Aufl. München [Munich], Beck, 1999.